

O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO ■ Director: ANTONIO GOMES ROCHA ■ Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO
Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

Da Direcção das Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade, recebemos o seguinte officio:

«Ex.º Sr. Director do jornal «O Comércio da Ajuda» — Lisboa. N.º 6191. — 29/9/32. Ex.º Sr.: Em resposta ao pedido de V. Ex.ª para o fornecimento de energia electrica ao Bairro da Cruz das Oliveiras, ao Alto da Ajuda, sentimos ter de comunicar que, por agora, nos é impossivel proceder a esse fornecimento, visto ser necessária a colocação de 900 metros de cabo de A. T. Somos com toda a consideração, De V. Ex.ª Mt.º At.º e Vens.— O Director — O Administrador Delegado.»

Agradecendo a atenção da Direcção das C. R. G. E., sentimos bastante que não seja possivel, por agora, levar a luz à Cruz das Oliveiras.

A' Ex.ª Commissão Administrativa da Camara Municipal, nós pedimos com muito empenho a sua valiosa atenção para a Cruz das Oliveiras, onde os habitantes não tem água nem luz. Talvez que com um pouco de boa vontade da Camara, seja possivel satisfazer as justas aspirações dos desprezados habitantes daquele bem populoso lugar.

As duas benemeritas Companhias de Tabaco (Companhia dos Tabacos de Portugal e Tabaqueira), na intenção de auxiliarem o Governo da Ditadura na sua tarefa de melhorar a vida dos pobres, resolveu aumentar o preço de algumas das suas marcas de tabaco, não esquecendo as mas procuradas pelo pobre povo.

Lamentamos profundamente que o Governo não se tenha lembrado de conceder as duas Companhias com qualquer grau da Ordem de Benemerência, por este seu tão simpático gesto.

Nosso presado colega *Diário de Noticias*, em correspondencia de Abrantes, noticia o exodo das andorinhas.

Que elas venham depressa e nos encontrem satisfeitos, são os desejos muito sinceros de todos os obreiros deste jornal.

Eduquemos o nosso Povo

O nosso povo, outrora estruturalmente bom, pacifico e delicado, tem presentemente no seu meio alguns individuos que bastante o envergonham e o deixam muito mal ferido perante os estrangeiros.

E' um pavôr o que se ouve e o que se vê a toda a hora neste lindo cantinho da Europa.

Perderam-se por completo as mais pequenas noções de civismo, de moralidade e de pudor.

Nas praias o *nú* quasi integral, nos teatros as piadas mais chulas e equivocadas (aplaudidas em primeiro lugar pelas mulheres); nos carros e comboios a falta de decência e compostura no sentar; nos cinemas... infelizmente estamos quasi sempre com a luz apagada...

Há dias apanhámos entre outras palavras, as seguintes, proferidas por uma menina olheiranta e de lábios pintados, que pendurada em uma janela gritava para uma sua amiga, debruçada numa janela próxima: — Não posso ir lá hoje porque estou *chateadíssima*. Imagina que tive ontem de *gramar* uma conversa de duas horas com o *barbosa* do Miguel. A outra respondeu, muito naturalmente: — *Chíça*, que grande *chato*!!

Tudo isto foi proferido com a maior das naturalidades, como se fôsse linguagem correcta e própria de senhoras. Vergonha das vergonhas!

Não foi por certo, esta a linguagem aprendida na escola, mas nem por isso as *meninas* casadoiras, e os *meninos* descabeçados, fatinho cintado, olheiras e seios postiços, sobranceiras rapadas e bengalinhas á *Charlot*, deixam de a empregar, como se fôsse uma demonstração de galanteria.

Chegaram há dias uns pretos vindos da Guiné, que devem exhibir-se em cantos e batuques na Grande Exposição Industrial Portuguesa, do Parque Eduardo VII. Pois êsse caso, que para espiritos equilibrados não teve importancia alguma, tem sido o verdadeiro prato do dia para o *pagode* lisboeta.

Verdade seja que a atenção do povo, no que diz respeito a êsses pretalhões, tem sido vergonhosamente espiçados por parte da imprensa e por alguns *meneurs*.

Que ideia ficarão êsses individuos fazendo de nós, ao verem a parvoíce lisboeta e muito principalmente quando se lembrarem do apedrejamento de que foram victimas??

Necessitamos mais que nunca de terminar com êste vergonhoso estado de coisas.

Necessitamos mais que nunca de moralisar o nosso bom povo, que tem vivido abandonado de tudo e de todos.

Aos paes, aos professores, enfim a todos os educadores nós pedimos a maxima atenção para êste assunto. E' preciso que o povo português volte a ser o povo educado de outrora.

A pesar do muito que, no nosso jornal, temos dito acerca do excesso de velocidade com que os veiculos atravessam as principais arterias da nossa freguesia, raro é o dia em que não temos conhecimento de novos desastres.

Diariamente e ao cair da noite, passa pela Calçada da Ajuda abaixo, uma camionete com um silvo semelhante ao usado pelos nossos bombeiros em caso de sinistro, apesar de ser particular.

Apostamos dobrado contra singelo em como esse carro passa com uma velocidade superior a 80 quilometros à hora.

Providencias... A quem devemos pedi-las?

Os grandes periodicos publicaram ha dias os decretos ministeriais feitos sair pelo Governo da Ditadura no sentido de melhorar as condições precárias dos muitos desempregados que presentemente existem em Portugal.

Como se aproxima o inverno — o maior inimigo dos pobres — osamos pedir a S. Ex.ª os membros do Governo que não façam esperar as providencias necessárias para atenuar a enorme crise que tanto está afectando os humildes.

A's 0 horas de 1 do corrente mês atrazaram-se os relógios 60 minutos, afim de terminar a hora de verão.

Esta verdadeira contradição, que teve o seu inicio durante o periodo agitado e trágico da última guerra, ainda não terminou no nosso país.

Fazemos votos muito sinceros pela sua terminação de vez, visto não sermos capazes de descobrir a minima vantagem dessas mudanças.

De 15 a 21 do mês findo foram derrubados e avariados na cidade de Lisboa, 36 candieiros de iluminação publica, sendo quasi todos estes incidentes provocados pelo excesso de velocidade dos automoveis ou impericia dos seus condutores.

Esta vergonhosa estatística não causará impressão a ninguém?

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS

RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

Exposição Industrial Portuguesa

Realizou-se em 3 do corrente, (que pena não ter sido em Agosto!) a abertura solene da Exposição Industrial Portuguesa, que representa um grande esforço no presente momento.

Visitámos detidamente o pavilhão e todos os *stands*, e, devemos confessar com a maior franqueza que ficamos muito satisfeitos com o que vimos. A visita á Exposição Industrial Portuguesa deve ser aconselhada a todos os fracos, a todos os pessimistas.

Ali, naqueles lindos *stands* e no soberbo pavilhão da exposição, ha de tudo.

Enche-se-nos a alma de alegria ao verificarmos a sem razão dos maldisentes, d'aqueles que a toda a hora nos segredam aos ouvidos a já tão estafada frase: Portugal é um país velho e sem forças para nada!

Pois esse país velho e sem forças apresenta uma exposição industrial onde nada falta e se verifica a perfeição dos trabalhos dos nossos obreiros.

Em nossa opinião a exposição deve ser visitada por todos os portugueses, ainda os mais cultos e viajados.

Uns simples reparos, se isso nos é permitido:

As barracas onde se vendem os bilhetes de entrada no recinto da exposição, devem ser expropriadas por utilidade pública, para em seu lugar aparecer uma coisa que condiga com o resto.

Nota-se a falta de uma planta do recinto da exposição, e ainda de propaganda dos diversos *stands* expositores.

Nota-se tambem a falta de placas indicadoras da direcção dos visitantes, muito principalmente no interior do pavilhão.

Os condutores de automoveis, encontrando um bom piso, no recinto da exposição, esquecem-se do respeito ao semelhante.

Seria interessante que d'aqui por mais algum tempo, a Comissão Organizadora da exposição, a quem apresentámos as nossas bem sinceras felicitações, autorizasse a entrada no recinto da exposição, ás crianças das escolas primárias e secundárias do nosso país.

Seria a mais linda lição de história a dar aos homens de amanhã.

Este numero foi visado pela
Comissão de Censura

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

O nosso modesto jornal vai referir-se hoje a uma benemerita instituição que, embora com pouco tempo de existência, tem já produzido bastante de útil e proveitoso para a sociedade.

Trata-se da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, com séde na cidade do Porto e ramificações em todo o país.

Dizer qual tem sido a obra gigantesca e verdadeiramente patriótica dessa Liga, é tarefa muito pesada para os nossos recursos literários, e ainda porque o pouco espaço de «O Comércio da Ajuda» não permite grandes explanações. No entretanto devemos declarar que a L. P. P. S., por meio de conferencias altamente educativas e scientificas, da imprensa de quasi todo o país, de livros editados por ela e ainda por pedidos feitos directamente ás entidades competentes, tem provocado um grande movimento a favor dos humildes.

São directores dessa patriótica e benemerita agremiação os Ex.^{mos} Srs. Drs. António Emilio de Magalhães, Arnaldo Candido Viegas Pires e Candido Henrique Gil da Costa, e secretário o Ex.^{mo} Sr. Dr. Luiz Cardim.

Pelo leitura dos 2 boletins da mesma Liga, e que estão à disposição dos nossos presados leitores e amigos na redacção do nosso jornal, podemos avaliar quanto de util e proveitoso esses honrados portugueses auxiliados por uma verdadeira *elite* de competencias e boas vontades tem feito em beneficio da humanidade e deste querido cantinho, que é o nosso Portugal.

Facultamos aos nossos presados leitores o programa da Liga Portuguesa de Profilaxia Social:

1.º — Difundir entre o público os principios de higiene individual e colectiva, demonstrando o valor e alcance da sua prática sistemática.

2.º — Divulgar os principios a estabelecer para a prática útil da educação física.

3.º — Combater e procurar evitar a propagação das doenças venéreas.

4.º — Estimular a profilaxia individual para fugir á infecção venérea e espalhar e embaratecer os meios profiláticos.

5.º — Mostrar a gravidade da tuberculose como flagelo social, divulgando a sua profilaxia.

6.º — Fazer propaganda contra o alcoolismo, a prostituição e a pornografia.

7.º — Divulgar as noções precisas para o conhecimento do cancro e as condições em que podem fazer-se a terapeutica e profilaxia eficases.

8.º — Difundir os cuidados a prestar às grávidas e as noções indispensaveis de puericultura.

9.º — Lembrar aos poderes publicos a urgencia de evitar que os degenerados mentaes continuem sem assistencia e em liberdade pelo país.

10.º — Chamar a atenção dos industriais e das classes proletárias para a hygiene no trabalho.

11.º — Pugar pela instalação de dispensários de hygiene social.

12.º — Chamar a atenção dos poderes públicos para a necessidade de regulamentar o casamento no sentido de se fazer profilaxia social.

13.º — Pedir ás autoridades a repressão do curandeirismo e do abôrto provocado.

14.º — Pôr em evidencia a terrivel extensão da lepra e do sezonismo no nosso país, procurando contribuir para soluções destes graves problemas.

15.º — Procurar conseguir dos poderes públicos uma legislação sobre hygiene social, conforme os preceitos modernos de defesa das raças, bem como uma mais cuidada e vasta acção de Assistencia Publica».

O nosso jornal sente grande desvanecimento em falar de tão util agremiação, e põe as suas colunas á disposição dos seus illustres directores.

Santos & Brandão
CONSTRUCTORES

Serralharia — Forjas — Caldeiraria — Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco) — Telef. B. 207

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pôde ser adquirido gratuitamente :

ABEL DINIZ D'ABREU, L. DA



PADARIA

Fornece pão aos domicílios

55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA
TELEFONE BELEM 520

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor : FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 56

Pérola do Cruzeiro

DE
JOÃO DE DEUS RAMOS

Géneros alimentícios de primeira qualidade
Especialidade em chá e café — Vinhos finos, do Pôrto e de pasto
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — AJUDA

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

rua de Sbastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

Drogaria e Perfumaria

DE

ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes

Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELEM 220

AGENCIA FUNERARIA

DE

António Serapião Migueis

Calçada da Boa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

SECÇÃO POÉTICA

Descrença

*Eu já vivi demais, Senhor meu Deus,
Nesta longa jornada fatigante,
E pouca falta faço aos que são meus
Porque nunca vali coisa importante.*

*A vida que levei, quasi serena,
Não sendo má também não foi excelente,
Por isso se eu morrer não tenho pena
Desta vida que é acre, repelente.*

*É certo que nem tudo são torturas
Na vida trabalhosa e bem forçada,
Embora gozemos as venturas
Numa conta bastante limitada.*

*Mas mesmo sendo assim esta existência
De miseros mortais, sempre falíveis,
Para alguns tem, contudo, certa ardência
Que os faz notar encantos indizíveis.*

*E ficam confiantes, iludidos
Na venturosa vinda dum porvir,
Em que julgam não ser por fim vencidos
Pois esperam só lutar sem succumbir.*

*Mas lá vem um momento caprichoso
Em que o Destino os enreda sem querer,
Mudando em troca, o crente venturoso,
Num triste amortalhado em seu viver.*

Alexandre Settas.

Pedem-nos a publicação do seguinte :

"QUADRANTE"

Jornal de ideias, d'rigido por Jorge Ramos

Aparece brevemente, dirigido por Jorge Ramos, nosso colega do «Seculo», um semanário ilustrado com o titulo «Quadrante», que será órgão da geração nova e se occupará de problemas economico-sociais, tendo já instalada a redacção na Rua do Almada, 560 — Porto.

HIGIENE

Sendo a freguesia da Ajuda uma das mais populosas de Lisboa, não tem umas retretes para uso dos seus habitantes.

Antigamente havia no edificio onde estão instalados os serviços municipaes (Boa Hora) umas que serviam ao publico, mas após as obras efectuadas, foi ordenado que só o pessoal delas fizesse uso.

Julgamos que seria possivel fazer-se umas retretes para uso do publico, visto que a pequena despeza feita com a sua manutenção é sempre coberta com a receita.

Ousamos, por isso, solicitar da Dig.^{ma} Camara Municipal de Lisboa, a que pertence a área da freguesia da Ajuda, este melhoramento tão necessário.

Sindicato da Imprensa Portuguesa

Pede-nos a publicação do seguinte :

«Em reunião conjunta da Mesa da Assembleia Geral, Directorio e Conselho Fiscal foi resolvido fazer a convocação da Assembleia Geral extraordinária nos próximos dias 10 e 17 do mês de Outubro, pelas 20,30 horas, no Largo do Intendente, 35, 1.º, em primeira e segunda convocação, com a seguinte ordem de trabalhos: *Ratificação dos estatutos e Eleição de cargos vagos.*

O Directorio tambem tratou junto do Ex.^{mo} Sr. Ministro do Interior do levantamento da suspensão, imposta por ordem superior, ao jornal *O Imparcial*, de Pombal.»

Afinal, em que ficamos? A assembleia geral marcada para 10 do mês findo ficou adiada ou sem effeito?

Oxalá que tudo isto se harmonise com aquela decencia que é própria de gente de bem.

PENSAMENTOS E SENTENÇAS A ESMO

mas apresentados sem intenção dogmática

DOS MEUS APONTAMENTOS,
por Alexandre Settas

Gosto de flores, pois são para mim uma das mais encantadoras manifestações do Criador. Mas agradam-me de preferência as simples florzinhas silvestres, nascidas espontaneamente na liberdade dos campos, do que as delicadas flores de estufa, mantidas pelo artificio humano.

Nunca fui capaz de ofender ou zombar dum tarado, antes me revoltado indignado se vejo importunar um infeliz impotente para se defender. Mas, quando na sua inconsciência um anormal se arroga de uma importância superior á das pessoas de juizo, dá-me vontade de rir o que não faço por piedade.

«SIMILIA SIMILIBUS CURANTUR» dizem os que seguem a teoria de que a cura da doença está na applicação dum tratamento similar. E se este axioma nos chegou da antiguidade com foros de dogmática affirmação, porque não hei-de curar-me dum amor que me abate a alma, com outro que a rejuvenesça?

É falso afirmar que uma consciência tranquila tem no sono o repouso absoluto do espirito. Pesadelos terríveis assediam tenebrosamente quem julga não tergiversar duma recta conduta e, — quem sabe? — possivelmente jacinoras, de viver enegrecido por hediondos crimes, dormirão um sono reparador como se fossem justos no seu viver.

Repete-se a História dizem os homens, quando afinal são os homens que repetem a História.

Uma das ofensas que a mulher nunca perdôa é a de não ser requestada pelo individuo de quem gosta.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, elev. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 16, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)
que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

Sete conventos existiram na freguesia da Ajuda: dois de frades e cinco de freiras. Os de frades eram o dos Jerónimos, de que já tratámos, e o da Boa-Hora, edificado pelos religiosos do convento que em Lisboa tinha a mesma denominação. Instalados na Ajuda em barracas de lona,

dependências da Ermida da Glória, em Lisboa; mas, quando em 1586 se deu por concluída a construção do novo convento, que o próprio rei mandara edificar à sua custa, foi por ele cedida essa casa às perseguidas, e ficou sob a invocação de Nossa Senhora da Quietação.

A Ajuda de outros tempos

quando o terremoto lhes desmoronou o seu convento, conseguiram depois, por meio de esmolas, o montante necessário para a construção do novo edificio, donde foram desalojados por ocasião de serem extintas as ordens religiosas.

Entre 1870 e 1872 foi o templo restaurado por iniciativa do antigo e inteligente prior, a quem a freguesia muito ficou devendo, o reverendo Francisco da Silva Figueira.

Os conventos de freiras foram os seguintes:

Nossa Senhora do Bom Sucesso — construído nos anos de 1626 a 1639, a expensas da Condessa da Atalaia, D. Iria de Brito, auxiliada pela rainha D. Luíza de Gusmão. Especialmente destinado para reclusão de dominicanas irlandezas.

Calvário — de observantes franciscanas. Fundado em 1617 por D. Violante de Noronha. Neste convento morreram sepultadas nos escombros, quando o terremoto, em parte, o reduziu a ruínas, 22 religiosas, 4 recolhidas e 6 serventes. As que ficaram ilhas deram entrada, provisoriamente, no próximo convento das Flamenegas.

Nossa Senhora da Quietação (Flamenegas) — de religiosas descalças da regra de Santa Clara. Fugindo à perseguição dos calvinistas dos Países Baixos da Alemanha, estas religiosas foram acolhidas em Portugal pelo rei D. Filipe II, em 1582. Habitaram primeiramente o convento da Madre de Deus, donde passaram para umas

Salésias — particularmente destinado à educação de meninas das classes abastadas e nobres do país.

Além dos conventos e das capelas de que já fizemos menção, outros templos existiram na freguesia da Ajuda. Apontaremos em primeiro lugar aqueles a que o padre José Baptista de Castro faz referência no seu *Mapa de Portugal*, publicado em 1763:

Nossa Senhora dos Aflitos e Santo Cristo — na quinta principal de D. Lázaro Leitão. Edificado no segundo quartel do século XIII, e, segundo cremos, mais tarde propriedade do Visconde do Marco.

Nossa Senhora da Anunciação — na quinta e palácio de Diogo de Mendonça Côrte Real.

Santo António — na quinta de António José Diniz de Ayala, no sítio das Oliveiras.

Nossa Ssnhora da Conceição — na quinta do Duque do Cadaval, em Pedrouços.

Nossa Senhora da Conceição — mandado levantar pelo padre José da Silva Carvalho, na Travessa da Horta, em Belém.

Nossa Senhora da Conceição — na Fábrica da Pólvora.

Nossa Senhora do Conceição — na quinta que foi de D. Francisco Manuel de Melo, na ribeira de Alcântara.

Nossa Senhora da Graça — na quinta de José da Cunha Araujo, em Cazelas.

S. Joaquim e Santa Ana — na quinta do Marquês de Abrantes, em Alcântara, onde a Patriarcal esteve instalada por pouco tempo, após o incêndio que lhe destruiu a sede em Lisboa.

S. João Baptista — nas casas de João Jorge, na Junqueira.

Nossa Senhora da Nazaré — na quinta de Gervasio do Couto, na Pimenteira.

Nossa Senhora do Pópulo — na quinta que pertenceu ao desembargador José Fiúza Correia, em Alcântara.

Nossa Senhora do Livramento e S. José (Memória) — a que já anteriormente fizemos referência, mandada erigir pelo rei D. José em memória do atentado de que ia sendo vítima.

Além destes templos, mencionados pelo padre José Baptista de Castro, alguns dos quais já desapareceram e outros mudaram de proprietário, resta citar a ermida de **Nossa Senhora das Dores e Santissimo Coração de Jesus**, na Rua do Embaixador, cuja construção foi iniciada no ano de 1787, e as capelas de **Nossa Senhora das Dôres dos Condes da Ribeira**, a da Marquesa do Lavradio e a do Conde de Porto Brandão.

Propositadamente, porque a ela desejamos fazer mais larga referência, deixámos para o fim a capela de **Santo Amaro**, no alto com este nome, sobranceiro ao sítio de Alcântara.

Este magnifico templo, que alguns afirmam ser do século XVI, mas que em 1551 já era citado por Cristóvão Rodrigues de Oliveira, resistiu com notável firmeza ao cataclismo de 1755. A sua arquitectura elegante, as bem lançadas escadarias que a elle conduzem, entremeadas de espaçosos tabuleiros, e sobretudo os preciosos azulejos que lhe adornam as paredes, fizeram com que justamente fosse incluído no número dos monumentos nacionais.

Era deveras interessante e característica a romaria que todos os anos, em Janeiro, no dia consagrado a Santo Amaro, tinha lugar junto deste templo. Desconhecemos a razão porque a colónia galega mostrava por este santo uma particular devoção; o certo era que os galegos concorriam em grande número à romaria, dando-lhe um tom alegre e bizarro com os seus tambores e gaitas de foles.

Dentro da igreja a multidão comprimia-se para assistir à missa da festa, e muitos dos devotos traziam ao santo mãos, pés e pernas de cera, que dependuravam junto ao altar, como tributo de agradecimento pelos milagres com que haviam sido beneficiados. As oferendas eram em tal profusão, atestavam uma tão grande quantidade de curas, que até, perante aquela grata manifestação de reconhe-

(Conclue na página 7)

Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone B. 329

Consultas médicas diárias

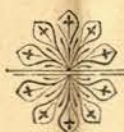
pelos Ex.^{mos} Srs.

Drs.

Carrilho Xavier
às 10 horas

Medina de Sousa
às 17 horas

Serviço nocturno às sextas-feiras



Grafica Ajudense

TIPOGRAFIA PAPELARIA

com secções de

Tabacaria

Perfumaria

Livraria

Artigos escolares

Calçada da Ajuda, 176

TELEF. B. 319

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amador e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Armam-se pastas de fantasia e bordadas

Envernizam-se mapas

Chegaram as chuvas do fim de verão e a temperatura baixou; tanto basta para muita gente não pensar mais, até ao verão próximo, da grave questão do abastecimento de água á cidade de Lisboa, e especialmente á freguesia da Ajuda. Mas a questão continua com toda a gravidade, e medidas rápidas se impõem para sua resolução. Não é esperar a estação calmosa para se pensar no assunto, que não podendo ser resolvido de momento, fica de novo adiado com as chuvas, arrastando-se anos sobre anos, com exaltado clamor no verão e estúpido silêncio no inverno, sem nunca se resolver, para vergonha da cidade, como vem acontecendo ha bastante anos.

Opinei que o fundo das futuras obras deveria sair do aumento do preço da água que não seria excessivo se fosse o preço de antes da guerra multiplicado pelo factor 12.

Muita gente diz que a água é dada pela natureza e não devia ser paga pelo consumidor; mas o que se paga não é, afinal, a água, é a sua *captação, condução e distribuição*. Também a lenha e a hulha são productos naturais fabricados pela natureza, e todos os que os consomem os pagam. Pagam além do producto da natureza, a sua extração, o seu transporte e a sua distribuição.

Com a água ainda ha uma vantagem — é as classes pobres poderem ir busca-la ao chafariz. Mas aqui, para estas, para quem, não sendo ocioso, o tempo deve valer dinheiro e as horas intermináveis que passam em volta do chafariz devem ter valor e representa algum dinheiro. Enquanto que aqueles que não a podem ir buscar ao chafariz, pagam o precioso liquido por um preço exorbitante; vinte vezes, pelo menos, porque o pagam aqueles que tem em casa o contador distribuidor, sem contar ainda com as faltas e inconveniências do aguadeiro.

Ora é justo que isto assim seja, quando todos tem o mesmo direito, como já demonstrei, de serem abastecidos pela Companhia? Certamente que ninguem podia contestar este direito e justiça; mas como o que importa não são palavras, mas factos, e para resolver factos, são precisos meios, vamos aos meios, com a decidida vontade de resolver e acertar. O governo fez esta promessa e aguardamos o seu cumprimento, facultando os meios que estão ao nosso alcance, isto é, elucidando o publico sobre a questão.

Lisboa foi sempre uma cidade pouco farta de água; já no tempo de D. João III e de D. Sebastião se fize-

ram as primeiras tentativas para conduzir a Lisboa as águas da fonte da Agua Livre que brota perto de Belas.

Quando da entrada de Filipe III em Lisboa, tinha o Senado da cidade mais de 600.000 cruzados para aquela obra, quantia que foi gasta com as festas feitas por ocasião da entrada do rei espanhol.

Depois de várias tentativas para abastecer a cidade, pertenceu a D. João V resolver o grande empreendimento.

Nessas épocas, o Estado lançava as suas contribuições de uma maneira muito diversa. As camaras, a cargo de quem estavam certas obras de bem publico, lançavam os impostos por meio de *fintas* destinadas à sua execução. Tal era o real de água por meio do qual se fizeram importantes obras.

Para a construção do aqueduto das Aguas Livres, foi pelo Senado de Lisboa, por aviso de 28 de Novembro de 1729, creado o imposto de 6 reis por cada canada de vinho, 5 reis em cada arratel de carne, 10 reis em canada de azeite, 60 reis em cada alqueire de sal e 50 reis por pano de palha. Isto sobre os géneros entrados ou consumidos na cidade. Todavia o imposto sobre o sal foi extinto logo em janeiro de 1730 e o da palha em Novembro de 1733.

Em 12 Maio de 1731 se lavrou o alvará mandando dar principio à grande obra, e para que caminhasse depressa, se terminava, — e não parará a dita obra por nenhum caso, que seja, e, para maior expedição do referido lhes faço m.^{de} de que possam usar do regimento, graças e privilegios que são concedidos a água da Orata da cidade de Evora. Isto ao superintendente da mesma obra e Senado da Camara de Lisboa.

As importancias cobradas pelo referido imposto, desde 1733 a 1799 montaram a cerca de 6.500 contos! De 1800 a 1803 rendeu mais 878, tendo sido, em 1804, aplicado o rendimento das carnes para a despeza da Real Guarda de Polícia e para a iluminação da cidade, ficando assim reduzida a

cerca de metade a receita destinada ás obras do aqueduto; ainda assim o imposto, reduzido desta forma para as obras rendeu mais 2.404 contos até 1822; sendo considerado desde essa data em diante receita geral do Estado, passando este a custear as obras do aqueduto com um subsídio anual.

No ano de 1748 deram entrada em Lisboa as primeiras águas do aqueduto, mas só em 1835 ficaram concluídas todas as obras e galerias na cidade, levando a água a diversos chafarizes onde o publico o ia buscar.

Companhias de aguadeiros — cerca de 3.000 com 91 capatazes, eram ades-

trictos aos diversos chafarizes e faziam a sua distribuição á razão de 20 reis o barril de 25 litros.

Bons tempos eses em que Ajuda estava melhor de água que hoje em que a Companhia faz o abastecimento da cidade.

A quantia de cerca de 200 mil contos, em moeda de hoje, que rendeu o imposto sobre o vinho, a carne e o azeite, quem o pagou senão o povo — os ricos e os pobres, porque todos constituem o povo!

Para se ver o rigor para com esses aguadeiros, é ver o Edital de 17 de Setembro de 1802, que no seu § 2.^o determina — «que hindo qualquer agoadeiro apregoando a venda de água, e chamando o povo do povo e o agoadeiro lhe pedir mais do vintem que lhe está estabelecido, a mesma pessoa tomará lembrança da letra indical e numeros com que o barril vem marcado, e queixando-se ao Inspector, este com prova de uma testemunha, fará restituir ao agoadeiro o que levou de mais, e o mandará prender por dez dias, abrindo-lhe assento á ordem do Senado, pagando de condenação 25000 reis para a Fazenda da Cidade, e 800 reis de deligencia aos officiaes, pela primeira vez, e pela segunda o dobro; tanto a pena pecuniária como a afflictiva; e pela terceira será expulso para nunca mais usar o trato de agoadeiro.

—Determina tambem o § 3.^o «que chamando algum agoadeiro para vender agoa ainda do mais alto andar, e ele se atrever a pedir mais do vintem

(Conclue na pag. 7)

Favorita Ajudense

DE J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravalaria
Artigos Escolares — Material electrico
GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO
167, Calçada da Ajuda, 169
TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128
AJUDA — LISBOA

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA—Telef. B. 552

Casa do Povo da Ajuda

DE
LUIZ ANTONIO DA LUZ

Artigos de retrozaria, roupas brancas para homem, senhora e creança, e muitos outros artigos a preços módicos

113, Calçada da Ajuda, 115 — LISBOA

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GÉNEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITÊS E CARNES DO ALENTEJO

CERAMICA DE ARCOLENA

DE
J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, a preços razoaveis

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 4 horas da tarde
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4.^{as} feiras ás 9 h JULIO CARVALHO — 3.^{as} feiras ás 9 h.
FRANCISCO SEIA — Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às quartas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telefone B. 456

Manoel António Rodrigues

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda
LISBOA

Géneros alimenticios de primeira qualidade
Louças de esmalte e vidros — — — — — Vinhos finos e de mesa
LICORES E TABACOS

ATENÇÃO!

FATOS fazem-se desde 135\$00 a 160\$00, com perfeição e pontualidade, e a 180\$00, com forros especiais, na oficina de

ANTÓNIO DO ESPIRITO SANTO JR.
(ANTÓNIO ALFAIATE)

Rua do Cruzeiro (á Ajuda), 97, 2.^o, D.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE
FRANCISCO C. PINHEIRO
DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO
Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha
RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

PEROLA DA AJUDA

DE
JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente
CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ
Louças de esmalte e vidros — — — — — Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117 Calçada da Ajuda, 212 a 216
R. da Junqueira, 293-B a 293-D Calçada da Ajuda, 154 a 156
Calçada da Tapada, 47 a 53 Largo 20 de Abril (Calvário), 1

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,
onde serão atendidos com a máxima urgência

MERCERIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade

DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97—LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

UM ANO DE TRABALHO

Recebemos intimação do nosso querido amigo Antonio Gomes Rocha, para escrevermos qualquer coisa com o objectivo de comemorar o primeiro aniversário d'este pequeno jornal.

Sempre prontos a cumprir as intimações de quem dirige este vigoroso reducto, nesta emergencia porém, somos obrigados a confessar que nos vemos seriamente embaraçados para satisfazer os desejos de Antonio Gomes Rocha, já porque não estamos na posse das diferentes fases da vida de «O Comercio da Ajuda», já porque entendemos que ninguem melhor do que os homens que constituem o seu corpo redactorial, poderão dizer o que tem sido a vida do nosso jornal durante a sua existencia, bem como os beneficios que para a freguesia da Ajuda tem conseguido.

Em todo o caso, vamos diligenciar satisfazer os desejos de Antonio Gomes Rocha, apesar da nossa convicção, fortemente arreigada, de que vamos roubar algum espaço precioso, que seria muito melhor aproveitado por elementos de valôr que, com todo o brilho, emprestariam o seu curso.

«O Comércio da Ajuda» foi fundado por dois amigos dedicados d'este burgo, no louvavel intuito de nêle ventilar todos os assuntos de palpitante interesse para a freguesia, bem como para os seus moradores.

A ideia não podia ser mais feliz e os seus intuitos foram atingidos completamente, sem jámais os seus autores se desviarem do caminho previamente estudado e percorrido.

Se se pretender dar um balanço á obra já realisada por esta modesta

tribuna, em prol da freguesia da Ajuda, e consequentemente dos seus moradores, verifica-se facilmente que alguma coisa de vulto se conseguiu, durante este primeiro ano de existencia.

Os mais importantes problemas que interessam a freguesia da Ajuda tem sido debatidos nas colunas de «O Comercio da Ajuda», com o necessário brilho e a indispensável elevação, por amigos dedicados e de bastante prestigio.

Entre os problemas que aqui tem sido focados, justo é destacar o que se refere ao abastecimento de agua, que o illustre official, coronel sr. Bivar de Sousa, estudou com toda a proficiencia.

Fastidioso seria abordarmos tantos outros que aqui tem sido debatidos, e que são do dominio de todos os paroquianos. E, por consequencia, podemos garantir sem reserva, que, todos quantos vivem na freguesia da Ajuda, julgam ser uma necessidade absoluta a manutenção d'este pequeno jornal.

E sendo assim, oxalá que a publicação regular de «O Comercio da Ajuda» se prolongue tanto quanto possivel, para que elle continue a prestar á nossa freguesia toda a assistencia de que carecem o seu progresso, o seu bem estar.

Apesar dos seus dirigentes não necessitarem de incitamentos, não deixamos de os felicitar pelo aniversario do jornal, e de formular os melhores votos para que continuem a lutar, sem o menor desfalecimento, conquistando assim o reconhecimento dos moradores da freguesia da Ajuda.

Agostinho Antonio.

A Ajuda de outros tempos

(Continuado da pag. 5)

cimento de tantos curados, o mais hábil ortopedista se morderia de despeito e sentiria desgostoso a mesquinhez da sua ciência.

Em tudo isto, porém, havia uma sincera demonstração de fé. Respeitamo-la.

Pelas escadarias alinhavam-se os vendedores de enfiadas de pinhões descascados, e faziam bom negócio, porque era de uso, quasi um dever, cada um dos que ali concorriam, adquirir algumas dessas enfiadas, que punha ao pescoço em guisa de colares, nas albigueiras do colete como corren-

tes de relógio, ou nos pulsos em forma de pulseiras. Alguns adornavam com elas os chapéus, e outros iam ingerindo os pinhões, acompanhando-os com vários copos de vinho, que, em barracas armadas próximo da igreja, tinha largo consumo, justificado sobremaneira pela frieza daquele dia de inverno.

Ao anoitecer debandava a multidão em diferentes direcções, quasi todos a pé, porque então ainda eram escasos os meios de transporte, e lá seguiam com aquela alegria tão peculiar no povo d'esses tempos, ainda ao som da ronca e do sêco tamborilar com que os bons dos galegos animavam a marcha.

Alfredo Gameiro.

5 de Outubro

Resultaram brilhantissimas as festas comemorativas do 22.º aniversário da Implantação da Republica, levadas a efeito no quartel da 5.ª Companhia do Batalhão n.º 2 da G. N. R., instalada nos edificios do antigo Paço Velho.

Por tal motivo felicitamos o illustre comandante da Companhia, Ex.º Sr. Francisco Augusto da Cunha, e todos os seus colaboradores.

A Questão das Aguas

(Continuado da página 5)

que lhe está estabelecido; sendo isto escutado pelos Soldados da Guarda Real da Policia, ou por qualquer official de Justiça, ou pelo Inspector dos Incendios, o poderão prender, abrindo-lhe assento à ordem do Senado, e dando conta ao Inspector do crime cometido com a certidão do preso; no caso porem de se pôr em fuga o agoadeiro deixando o barril, levarão este ao dito Inspector para que proceda contra o agoadeiro criminoso com as penas acima declaradas, e a pena pecuniária será aplicada para quem o prender.»

Estas disposições foram aprovadas pela Camara Municipal de Lisboa em Portaria de 3 de Agosto de 1841, ordenando que se executem fielmente, salvo aquelas que não estiverem em harmonia com a Legislação Vigente. (Ver Veloso de Andrade — Memória sobre chafarizes, bicas, fontes e poços publicos de Lisboa, Belem e muitos logares do termo.)

E hoje, que em Ajuda, ha o regimen do aguadeiro, não o honrado cidadão de Tuy, que se exprimia «a terra é rica, a gente boa, a água é deles e nós vendemos-lha», mas o aguadeiro adventicio, pouco menos que amador, que não usa o barril de 25 litros, que pesa demais, mas o que mal contem 20 litros, e que não pede o vintem de outros tempos, mas 50 centavos — valôr actual do vintem de então — o que faz a Camara? Aquelles editais antigos passaram, mas outros, decerto, os viriam substituir, para regular a venda de água pelos modernos aguadeiros. Chamo a atenção da Comissão Administrativa da C. M. L. para este facto — a aferição dos barris e o preço dos mesmos — certo que ela ponderará sobre o caso, procedendo em harmonia com o interesse publico.

(Continua)

B. S.

Salão Portugal

CINEMA SONORO

Emprezário J. NICOLAU VERISSIMO

Travessa da Memória - Ajuda

TELEFONE BELEM 124

Sábado, 8 - às 21 horas

Exibição do excelente filme sonoro e falado

O SARGENTO GRISCHA

Domingo, 9 - às 21 horas

Exibição dos sensacionais filmes sonoros

O DIABO BRANCO - A VALSA DO AMOR

NO DOMINGO: Matinée às 2,30 h. da tarde

com os excelentes filmes

O NAVIO DO DIABO - A PEROLA NEGRA - O CRIME DO EXPRESSO

MATINEES TODOS OS DOMINGOS

A casa que tem sempre mais público, por só ter bons programas

Dia 10: O REI DOS BORLISTAS, e outros filmes

Dia 11 { MULHERES DE TODAS AS NAÇÕES
SAUDADE

Dia 12: DOIS CORAÇÕES A COMPASSO

Dia 13: A NOIVA DO REGIMENTO, e outros filmes

Dia 15 { Inauguração da época de inverno
O DESTINO DUM CAVALHEIRO

Dia 16, na matinée { O MASCARA NEGRA
UMA AVENTURA NA CHINA
TREMOR E TITUBEAR

Brevemente: TRADER HORN

A SEGUIR - As ultimas super-produções de grande successo

A melhor instalação sonora dos cinemas da parte ocidental de Lisboa

CONTRA O ESGOTAMENTO DOS ESTUDANTES

Atribue-se ao esgotamento todas as doenças do estudante. Pois só ha esgotamento quando ha excesso de trabalho. Muitas outras circunstâncias nocivas se podem juntar ao esgotamento, para criar um mau estado de saude. Podem ser independentes do esgotamento e atacar, tanto o estudante que trabalha, como o preguiçoso.

O esgotamento escolar pode ser definido da seguinte maneira: *um conjunto de perturbações intellectuais, actuando sobre a saúde geral, tendo por causa um trabalho exagerado sem método, sem o descanso compensador.* Esta definição é bastante concreta para eliminar casos doentios próprios da idade do estudante, do seu desenvolvimento, da sua formação fisica, insufficiente hygiene do local onde tem de passar tantas horas durante o dia, etc.

Talvez, de facto, se dê ao esgotamento uma importância muito extensiva. Realmente só aparece no último período da vida escolar, quando da intensa preparação para exames, de que depende toda a sua vida. Até á idade de 13 ou 14 anos, o estudante não pode encontrar-se esgotado, por mais rigorosos que sejam os métodos de ensino, porque então não é mais que um *passivo*, que dá somente um mínimo esforço pessoal. Das disciplinas que lhe são ensinadas, *aprende unicamente o que pode*, e se excede a sua capacidade natural, o esforço da atenção detem-se automaticamente: o estudante, instintivamente, distrai-se ou adormece.

O VERDADEIRO ESGOTADO.— A época do esgotamento, mais tarde, segue o acordar duma consciência adulta. O estudante dos liceus, dos cursos primários superiores ou profissionais, o rapaz, preocupado pelos exames, acessível aos sentimentos de emulação e de amor próprio, forçado a assimilar programas muito vastos e variados, oprimido por temas a fazer e lições a aprender, perde a inconsciência da infância pelo sentimento da energia pessoal

a desenvolver para atingir um fim, agora determinado. Impõe-se-lhe, ou elle se impõe, horas de trabalho suplementares, que obrigam a estar acordado uma parte da noite. Então sobrem o esgotamento, ao que estuda demasiado, sob o aspecto duma astenia muscular, anemia, fadiga intellectual, debilidade no esforço e insónias: manifestam-se também muitas vezes casos infecciosos, embaraços gástricos, a febre tifóide, no organismo esgotado e deficitário

Está fóra da nossa competência remediar a extensidade dos programas. A medicina pronuncia-se sobre o método e as horas de trabalho. Parece-nos bem que o estudante, ainda que não seja senão para evitar a dissipação ou o sono, não trabalhe mais do que seis horas por dia, repartidas por estudos e classes intercaladas com descansos. Parece-nos também necessário que o trabalho dum estudante mais velho não vá nunca além de nove horas, e de maneira alguma seja forçado a roubar o tempo do descanso da noite.

As matérias de ensino, as mais árduas, convêm para as horas matinaes, quando o espírito está mais fresco e mais lúcido; a tarde será dedicada aos trabalhos relativamente fáceis, um tanto ou quanto atraentes e interessantes. Um estudo de mais de duas horas, é um estudo muito demorado.

Um quarto de hora de recreio depois duma hora de estudo ou de duas horas de classe, é o minimo que deve ser. Ao recreio duma hora, pelo menos, deve seguir-se a refeição do meio dia; meia hora de descanso a seguir á merenda. Estes recreios

devem ser preenchidos por jogos activos e até violentos, para descansar o cérebro pela derivação da energia dos músculos. A hora que se segue ao estudo, devia ser consagrada a um trabalho interessando a memória e a imaginação, mais que a reflexão, atraído docemente o cérebro, em lugar de o subjugar completamente. E, por ultimo, que depois das 7 horas da noite o estudante não seja mais estudante. O demasiado trabalho intellectual não tem nenhuma vantagem. O que entra á fôrça no cérebro, sai facilmente. Um cérebro preocupado enfraquece o corpo e torna o espírito doentio.

(Do Almanaque Lello)

Casas do Estado

Pedem-nos que intercedamos junto de quem superintende na administração dos Bens Nacionais, para que mande reparar e depois alugar as casas de habitação que o Estado possui, devolutas ha muito tempo, na Calçada da Ajuda, Rua do Jardim Botânico, Rua do Guarda Joias, Pateo do Bonfim e Telheiros da Ajuda.

Efectivamente não está certo que, havendo tanta falta de casas economicas, e estando o Governo tão interessado em colocar os desempregados, conserve aquelas casas abandonadas, e ainda com o prejuizo de nada renderem.

Parecendo-nos que isto só se possa conceber por falta de conhecimento nas repartições competentes, aqui deixamos o pedido, como se nosso fosse, confiando que será atendido tão breve quanto as peias burocraticas o permitam.

Beneficencia Particular

A absoluta falta de espaço tem impedido a publicação das contas da nossa secção de beneficencia, referentes aos meses de Junho a Setembro, o que faremos no próximo numero.